

POR QUE NÃO CÔMIGO?

Infectada pelo vírus **zika** durante a gravidez, mãe de menina com **microcefalia** planeja investir na **reabilitação** da criança

RESUMO No terceiro mês de gestação, a comerciante Suzana Bertolucci, 33, de Paulo Afonso (BA), contraiu o vírus zika. Os dois primeiros ultrassons não demonstraram danos neurológicos no bebê. Mas, poucas semanas antes do parto, um outro exame revelou a microcefalia e outras alterações no cérebro da menina. “Nunca questionei por que isso está acontecendo comigo. Sempre coloco: por que não comigo?”

(...) *Depoimento a*

CLÁUDIA COLLUCCI
DE SÃO PAULO

Sou casada há nove anos, mas nunca tinha tentado engravidar. Com medo da responsabilidade de se ter um filho, sempre adiava essa decisão. Usava pílula anticoncepcional, mas parei porque me dava enxaqueca. Passamos a usar camisinha, mas no dia 1º de janeiro foi sem mesmo.

No final de janeiro, descobri que estava grávida. Ficamos muito felizes. Comecei a fazer o pré-natal e tudo corria bem. Em março, porém, meu corpo empelotou todo.

Eram umas manchas vermelhas que coçavam muito. Achei que era alguma alergia alimentar. Fui para o hospital e lá me deram medicamentos antialérgicos.

Nos dias seguintes, várias pessoas na minha cidade [Paulo Afonso] começaram a ter os mesmos sintomas, manchas, coceira.

Os médicos falavam em virose. Até então, ninguém suspeitava do vírus zika. Com 23, 24 semanas, fiz o ultrassom morfológico do segundo trimestre. Estava tudo certo, era uma menina, que felicidade.

Com 34 semanas, já caminhando para o fim da gravidez, fizemos um outro ultrassom. Resolvemos abrir o exa-

me em casa, antes da consulta com a médica.

O resultado deu microcefalia. Nem sabíamos o que era aquilo, fomos pesquisar no Google. Ficamos desesperados com o que vimos. Na consulta, a médica não esclareceu muita coisa mais.

Disse apenas que a gente precisava ir para uma capital procurar ajuda de um neurologista, mas também não indicou ninguém.

Uma amiga de Salvador conseguiu contato no Hospital-Geral Roberto Santos e, em 15 dias, já estava passando em consulta com um especialista em medicina fetal.

Foi aí que, pela primeira vez, soube de fato o que é a doença, os comprometimentos neurológicos e a possível ligação com o vírus.

Também soube que havia a possibilidade de ela nem sobreviver. Foi um baque. Ao mesmo tempo, coloquei na mão de Deus. Ela nasceu no dia 30 de setembro com o sistema nervoso bem afetado. Parte do cérebro está bem danificada com calcificações e aumento dos ventrículos. Mas, de resto, ela está bem. O teste do pezinho deu normal, o da orelhinha também. Ela ficou 30 dias na UTI semi-intensiva porque teve várias convulsões.

Nesse período, chegávamos às 6h30 no hospital e só

saíamos às 22h, quando ela dormia. O que eu mais queria na vida era ter a Ana Laura em casa, fora daquele ambiente estressante da UTI.

Não deu para amamentá-la no peito porque ela tinha dificuldades para mamar e respirar ao mesmo tempo. A fonoaudióloga preferiu que eu tirasse o leite e desse na mamadeira. E tem sido assim. Ela se alimenta bem, chora quando está com fome, troca o dia pela noite e se acalma quando eu canto uma musiquinha. Assim como qualquer outro bebê.

Deixei o meu trabalho [ela tem uma loja de calçados] pa-

ra cuidar dela. Estou correndo atrás de todas as possibilidades de reabilitação, neuro, fisioterapeuta, fonoaudiólogo. Sou confiante, acredito muito na minha filha. Não escuto mais nada sobre as deficiências, tento pensar no que ela pode conseguir. Os médicos dão um diagnóstico, mas Deus dá outro.

Nunca questionei por que isso está acontecendo comigo. Sempre coloco assim: por que não comigo?

Meu maior desespero era que minha filha não sobrevivesse. Não tenho vergonha dela. Pelo contrário, saio com ela nas ruas, não a escondo.

Às vezes, os primeiros a terem preconceito são os próprios pais. Eu olho para a minha filha e vejo uma coisa linda, toda perfeitinha.

Na internet, só mostram coisas horríveis, crianças com deformidades muito sérias. Mas nem todos os casos são assim. Conheci uma senhora de 54 anos que tem microcefalia e outra criança que anda, fala. Depende muito do estímulo que recebem.

Admiro muito minha filha. É guerreira, lutou para sobreviver. Como pais, cabe a nós correr atrás de tudo o que ela precisar. Amor, carinho e estímulo a Ana terá de sobra.

Governo muda critério para registrar casos

DE BRASÍLIA

O Ministério da Saúde vai mudar o critério para definir os casos de microcefalia em recém-nascidos.

Segundo a **Folha** apurou, a medida utilizada para contabilizar as ocorrências, a partir da circunferência da cabeça do bebê, deve passar de menor ou igual a 33 cm para menor ou igual a 32 cm.

Com a mudança, que vale apenas para partos não prematuros, o governo espera agilizar a confirmação dos casos. Hoje, a pasta afirma que há 1.248 casos de bebês com microcefalia em investigação em 13 Estados e no DF. O Nordeste concentra 98% dos registros suspeitos.

As situações em que a medida estiver entre 32 cm e 33 cm serão definidas como "intermediárias".

Em todos os casos, porém, os bebês passarão por tomografias que verificam a extensão de possíveis complicações no cérebro.

Também serão feitos testes para verificar se o quadro pode estar associado à infecção de gestantes pelo vírus zika, transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti* —o mesmo da dengue e da chikungunya.

A existência de ligação entre o novo vírus e os casos de má-formação em bebês foi confirmada pelo Ministério da Saúde.

IMPACTO

A nova medida em estudo segue padrão da OMS (Organização Mundial da Saúde). Não há estimativa de quantos casos poderão ser descartados com a alteração do critério.

A mudança seguirá norma do Estado de Pernambuco anunciada ontem (3).

“Vimos que são poucos os bebês com 33 cm que têm alteração tomográfica”, diz a secretária de vigilância em saúde, Luciana Albuquerque.

De acordo com ela, de 646 casos notificados no Estado, 211 atendem ao padrão da OMS. Os demais ainda devem passar por investigação, afirma.

Para o obstetra Manoel Sarno, especialista em medicina fetal em Salvador, estabelecer uma medida para a definição de casos de microcefalia pode ser arriscado, pois há casos de bebês com circunferência normal, mas com graves alterações cerebrais.

Também existem situações de bebês com crânios menores em razão de restrições de crescimento, e não da microcefalia.

“A gente não pode generalizar a definição só com a medida do crânio.”